

As gravuras rupestres do Outeiro Machado

(Val d'Anta — Chaves)

POR

J. R. dos Santos Júnior

Prof. jub. da Fac. de Ciências da Universidade do Porto
e Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia

As gravuras rupestres são uma das manifestações da chamada Arte Rupestre, ou seja arte em pedra, do latim *rupes*.

Têm sido múltiplos os conceitos atribuídos à Arte de tal modo que esta palavra tem vários significados, e daí o ser difícil dar-lhe uma precisa definição.

No entanto, no sentido estético de ordem superior, pode dizer-se que a Arte é a aplicação das qualidades ou faculdades superiores do Homem e da Ciência, para a realização daquilo que se concebeu, imaginou ou projectou.

Pode ainda definir-se como o conjunto de meios de que o Homem dispõe para a realização daquilo que idealizou, impondo-lhe atributos que lhe confirmam um maior ou menor grau de beleza.

Recorde-se, porém, que o sentido do belo tem variado ao longo dos tempos e varia de povo para povo.

Em Arqueologia como manifestações de Arte Rupestre têm sido consideradas as pinturas, os desenhos e os baixo-relevos, executados pelo homem pré ou proto-histórico nas paredes ou no tecto de grutas ou cavernas, nos esteios ou coberturas dos dólmenes ou antas, nas paredes de simples palas ou abrigos, ou em rochedos ao ar livre.

Até agora não têm sido consideradas como arte rupestre as remotas estátuas de animais, nomeadamente de porcos e de touros.

Pelo conhecimento que há, na Espanha e em Portugal, e cá especialmente em Trás-os-Montes, de grande número de estátuas de touros, de porcos e de outros animais, urso, bode, carneiro e vaca, esculpidos em pedra e conhecidos pela designação geral de *berrões*, está criado na Arte Rupestre o novo capítulo da estatuária (1).

Julgo oportunas breves considerações de ordem geral sobre as gravuras em rochedos ao ar livre, de que Outeiro Machado é espécime notável.

Este tipo de gravuras na superfície de rochedos, é relativamente frequente em muitas regiões de Portugal, sobretudo em Trás-os-Montes, Minho e Beira Alta.

No trabalho *Arte Rupestre* (2), que apresentei em 1940 aos Congressos do Mundo Português, registei 109 estações deste tipo, das quais apenas 5 ao sul do Mondego, e a maioria, 53, em Trás-os-Montes, onde a sua profusão é notória.

O conhecimento do importante núcleo de gravuras rupestres em Trás-os-Montes deve-se, em grande parte, ao incansável investigador e arqueólogo de assinalado mérito, Abade de Baçal.

O número de estação deste tipo no nosso país era já grande, mas, de 1940 para cá, novas estações de arte rupestre têm sido

(1) J. R. dos Santos Júnior, *A Cultura dos Berrões no nordeste de Portugal*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Vol. xxii, Porto, 1975, págs. 353 a 515, 3 figs. (desenhos) e LIII est. com 100 fotografuras.

Idem, *Novos elementos da remota zoolatria em Trás-os-Montes*, in id. id. Fasc. I.º, Vol. xxiii, Porto 1977, pág. 5 a 18, 8 figs. (desenhos) e X Est. com 22 fotografuras.

(2) J. R. dos Santos Júnior, *Arte rupestre*, comunicação apresentada ao I Congresso do Mundo Português, «Pré-história e Proto-história», vol. I, Lisboa, 1940, págs. 327 a 376, 26 figs.

descobertas, e o seu número muito aumentará, seguramente, com novas e sistemáticas pesquisas.

Um exemplo: em Outubro de 1971 foi descoberta a estação de gravuras litotrípticas de Fratel, a primeira do notável complexo de arte rupestre do Vale do Tejo. Este complexo tem alguns milhares de sinais antropomórficos, zoomórficos e geométricos, gravados nos xistos das margens, por vezes aprumadas, do rio Tejo, numa extensão de 40 km, entre os rios Ocreza e Sever, este a fazer fronteira com a Espanha. O complexo abrange 11 núcleos ou estações com 1.002 conjuntos.

É, no seu género, um dos mais importantes complexos europeus de arte rupestre ⁽¹⁾.

Em Portugal as mais notáveis estações de gravuras rupestres em pedras ao ar livre, em nosso parecer, são as seguintes:

O referido complexo do Vale do Tejo.

O penedo do Outeiro Machado (Val d'Anta — Chaves) ⁽²⁾.

As gravuras rupestres de Gião — Arcos de Valdevez ⁽³⁾.

⁽¹⁾ Eduardo da Cunha Serrão, Francisco Sande Lemos, Jorge Pinho Monteiro, Maria de los Angeles Querol, Susana de Oliveira Jorge e Victor de Oliveira Jorge, *O complexo de Arte Rupestre do vale do Tejo (V.ª V.ª do Rodão a Nisa) — Primeiras hipóteses e programa de trabalhos*, in «O Arqueólogo Português», série III, Vol. VI, Lisboa, 1972, págs. 63-77, xiv Est. com 20 Figs.

Eduardo da Cunha Serrão, Francisco Sande Lemos, Jorge Pinho Monteiro e Maria de los Angeles Querol, *Notícia de novas descobertas no complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo*, separata das «Actas das II Jornadas Arqueológicas», Lisboa, 1973, Vol. I.º, 11 págs. e ix Est. com 11 Figs.

⁽²⁾ A. A. Mendes Corrêa, *Art rupestre en Trás-os-Montes (Portugal) — 1.º Petroglyphes de la Vallée de l'Avelames — 2.º Le sanctuaire d'Outeiro Machado*, in «Revue Archéologique», Paris, 1929, págs. 121-136, 12 Figs.

⁽³⁾ Joaquim Fontes, *Sobre algumas figuras rupestres do santuário pré-histórico de Gião*, in «Revista de Arqueologia», Vol. I, Lisboa, 1932, págs. 75-82, 2 Figs.; id., *Figuras rupestres astrais no santuário pré-histórico de Gião (Arcos de Valdevez)*, in «Homenagem a Martiño Sarmento», Guimarães, 1938, págs. 120-121, e I Fig.; id., *Várias modalidades do sinal cruciforme no santuário pré-histórico de Gião (Arcos de Valdevez)*, in «Revista de Arqueologia», Lisboa, 1934, 9 págs. e 13 Figs.

A pedra escrita de Ridevides-Vilariga-Alfândega da Fé ⁽¹⁾.
 Gravuras do Murancho-Parambos-Carrazeda de Ansiães ⁽²⁾.
 A pedra letreira dos Amieiros — freguesia de Alvares —
 concelho de Góis ⁽³⁾.
 As gravuras rupestres da Solhapa-Duas Igrejas-Miranda
 do Douro ⁽⁴⁾.

A grande maioria das estações rupestres ao ar livre são em rochedos de granito. Há porém um certo número, embora muito menor, em que, para a realização de tais monumentos, foram utilizadas rochas de xisto.

A técnica seguida na realização das insculpturas é também variável. Na grande maioria dos casos as gravuras devem ter sido feitas com instrumento agudo picando a pedra, e marcando nela o sinal respectivo por ablação de pequenas lascas sucessivas, que se fariam saltar segundo delineamento prévio.

Estas gravuras designei-as *litostícticas* ⁽⁵⁾.

⁽¹⁾ J. R. dos Santos Júnior, *As gravuras litotrípticas de Ridevides — Vilariga*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Porto, Vol. 19.º, págs. 111-144, 2 desenhos e xviii Est. 32 Figs.

⁽²⁾ O *Murancho* além de outro interesse tem a particularidade das figuras em rosário (vd. Figs. 22 e 23 do meu trabalho *Arte Rupestre*, 1942, cit.) Por não ter tido ensejo de fazer desenhos do conjunto e de pormenores, continua inédito.

⁽³⁾ João de Castro Nunes, A. Nunes Pereira e A. Melão Barros, *A pedra letreira*, publicação do Museu Municipal de Góis, Góis, 1959, 36 págs., 13 desenhos 1 estendido, e x Est. com 14 Figs.

⁽⁴⁾ António Maria Mourinho, *O abrigo rupestre da «Solhapa» em Duas Igrejas (Miranda do Douro)*, in «O Arqueólogo Português», Lisboa, 1972, Série III, Vol. VI, págs. 33 a 61, vários desenhos por numerar e xviii Est. com 28 Figs.

⁽⁵⁾ O meu embaraço para conveniente designação dos dois tipos de gravuras, por picotagem ou picado e por fricção ou abrasão, foi resolvido pelo ilustre Professor e distinto filólogo, Dr. Francisco Torrinha, que teve a gentileza de, à consulta que lhe fiz sobre o assunto, criar os dois vocábulos seguintes: LITOSTÍCTICO, do grego *lithos* — pedra e *stirtos*-picado; de *stizein*-picar, imprimir marca ou sinal com instrumento agudo ou ardente e LITOTRÍPTICO, do grego *lithos* e *tripsis*-fricção; de *tribein*-esfregar.

Noutros casos, e isso é bem patente em algumas gravuras em xistos, os sinais foram obtidos por fricção, manejando em repetido movimento de vai-vém, de encontro à superfície a ornamentar, um instrumento duro, terminado em gume ou ponta. As gravuras deste tipo passei a designá-las *litotrípticas*.

As gravuras rupestres do Outeiro Machado podem ser consideradas do primeiro destes tipos, isto é *litostícticas*.

Delas se ocupou o Prof. Mendes Correia no trabalho *Art Rupestre em Trás-os-Montes*, cit.

Na companhia do Dr. Liberal Sampaio, aquele Professor foi ver o penedo de Outeiro Machado em 23 de Setembro de 1928. Depois, lá tornou várias vezes na companhia de Rui de Serpa Pinto.

Este meu amigo e lealíssimo companheiro de trabalho no Instituto de Antropologia da F. C. do Porto, foi, certamente, quem fez os desenhos que figuram no citado trabalho do nosso Mestre comum.

Mendes Correia deu a conhecer, em primeira mão, as gravuras do Outeiro Machado, que estudou nas suas linhas gerais com justa propriedade, o que lhe permitiu considerá-las, como já se disse, «o mais importante grupo de gravuras rupestres do noroeste peninsular».

Encarregou-me, então seu Assistente, de fazer o desenho por escala do conjunto daquelas gravuras, o que fiz em Janeiro de 1930 (Fig. 1).

Agora, e prestando homenagem à memória daquele meu querido Mestre, volto a ocupar-me do Outeiro Machado.

O meu papel é como o daquele pobre que vem no fim da feira para comprar barato coisas vistas por outros e por eles deixadas, pelo seu aparente, e de facto, menor valor.

As gravuras do Outeiro Machado mereciam um estudo pormenorizado.

São mercadoria que eu, como pobre feirante, venho analisar na sua complexidade, embora sejam muitos os embaraços em perscrutar o seu justo significado e utilização, por serem muitas as incógnitas ao querer averiguar a sua origem, certamente remota; serem muitas as dificuldades com que se depara

ao tentar esclarecer o simbolismo daquelas gravuras, que, é de crer, deve estar fortemente imbuído de sentimento religioso, na evocação propiciadora de forças sobrenaturais a favor, e em proveito, dos gravadores daquelas siglas.

Por isso lhe cabe a justa designação que lhe conferiu o Prof. Mendes Correia de Santuário do Outeiro Machado.

Mas a região de Chaves, que é rica em monumentos arqueológicos de várias naturezas e vária cronologia, tem outras estações de arte rupestre além da do Outeiro Machado, que a seguir se indicam.

As gravuras rupestres do *Outeiro do Salto*, no Casteianchos, em Mairós, quase na linha da fronteira.

O *Outeiro da Moeda*, com gravuras em «certã» ou «pá», também no termo de Mairós, e não longe do Castro da Tróia.

A *Pedra do Vale da Via*, que assim podemos designar porque fica no sítio assim chamado, ou *Pedra da Fonte dos Foros*, por ficar a poucos metros da fonte deste nome. Aquela pedra fica à borda da estrada de Val d'Anta a Soutêlo, a cerca de 1 km de Soutêlo, e tem umas duas dúzias de gravuras semelhantes às do Outeiro Machado.

O ano passado foi descoberto o *Penedo das Cruzes*, nas Ameijoadas, de Sanjurge, que tive ensejo de visitar na companhia de alguns amigos. Como o próprio nome indica predominam os cruciformes gravados pelo menos em três pedras, todas relativamente pequenas.

Ultimamente, em Maio de 1978, foi descoberta uma nova estação de arte rupestre, *Penedo do Vale do Salgueiro*, na freguesia de Sanjurge, a 200 metros da capela da Senhora da Aparecida, com sinais em colher e cruciformes, e com mais de 40 covinhas.

Dela me deu conhecimento o amigo Rev.º P.º Adolfo Magalhães, que me enviou o jornal «Notícias de Chaves» de 2 de Junho de 1978, que refere e descreve a descoberta de mais esta estação da arte rupestre flaviense.

Outras, muito provavelmente, virão a ser descobertas.

O penedo do Outeiro Machado

Situação, morfologia, características

O penedo do Outeiro Machado fica no sítio do Boqueiro, a 5 km a poente de Chaves, em termo da freguesia de Val d'Anta, não longe das povoações de Aboboleira, que fica a leste, e da aldeia de Soutêlo, que fica a poente ⁽¹⁾.

Trata-se de um penedo granítico cujo eixo maior com cerca de 18 metros se orienta na linha nordeste, com um pouco mais de 6 m na largura máxima, e com cerca de 3 m de altura, acima do terreno circundante, na parte central.

O dorso é boleado no sentido leste-oeste, sendo a vertente de leste de pendor acentuado, o que limita a área ocupada pelas gravuras (Fig. 1).

É ao longo da parte média do penedo, um tanto aplanada, que se distribuem os sinais e as covinhas. Em 1930 pude desenhar e contar 405 sinais e 119 covinhas, ou seja um total de 524 insculpturas. Já por este número, já pela natureza de alguns daqueles sinais, que, na iconografia da arte rupestre do norte de Portugal aparecem raras vezes ou pela primeira vez, Outeiro Machado ocupa posição de especial realce.

Noutra pedra, que fica a cerca de 8 m a sudoeste do penedo, há 36 sinais e 20 covinhas (Fig. 5).

Ao lado do penedo há três pedras, cada uma com seu sinal. Dois são cruciformes. O terceiro é considerado como representando um machado, perfeitamente encabado a que não falta o engrossamento da marra e a cabeça do cabo, excedendo ligei-

(1) Uma outra pedra com gravuras rupestres semelhantes às do Outeiro Machado fica ao lado da estrada de Val d'Anta a Soutêlo e a cerca de 1 km de Soutêlo.

É uma pedra pequena aplanada, ligeiramente inclinada e pouco alta. Fica no sítio chamado *Val da Via* a poucos metros da *Fonte dos Foros*.

Tem umas duas dezenas de sinais em certã ou pá e em colher, como os do Outeiro Machado.

ramente o olho do encabamento. Este facto feriu a sensibilidade do povo da região que passou a designar aquela estação de arte rupestre Outeiro Machado.

Naquela notável estação arqueológica de arte rupestre, em 1930, havia 405 sinais e 119 covinhas, ou seja, 524 insculpturas, como já se disse.

Alguns sinais, no todo ou em parte, estão bastante apagados. Tive dúvidas em considerar alguns deles. Sempre que pude procurei esclarecer as dúvidas. No entanto quando estas persistiam deixei de os desenhar. Prefiri deixar um ou outro sulco em falta, do que os tomar em consideração, para não correr o risco de me atribuírem engenho inventivo.

De um modo geral muitos daqueles sinais foram distribuídos ao acaso na utilização de espaços livres; ao menos é a impressão que se colhe ao apreciar aquele conjunto.

Mas no grande penedo, podem distinguir-se os três grupos em parte reproduzidos nos três desenhos parcelares das Figs. 2, 3 e 4.

O primeiro, a contar da ponta noroeste com 4,5 m de comprimento por dois de largura, tem 65 gravados e 11 covinhas; o segundo, o maior, vai dos 5 aos 13 m, segundo o eixo maior do penedo, tem 4,5 m de largura e nele se contam 170 gravuras e 67 covinhas; o terceiro grupo, da ponta sudoeste do penedo, tem os sinais um tanto dispersos, comparativamente com os do grupo anterior, aqui distribuídos num comprimento que vai dos 13 aos 17 m, tem de largura 2,5 m, com 68 sinais e 23 covinhas.

Um quarto grupo é o da pedra, melhor, das 2 pedras que ficam a 8 m a sudoeste do penedo. A pedra maior tem 2 m de comprimento por 2 de largura, com 36 sinais e 20 covinhas; a segunda pedra, mais pequena, tem apenas dois sinais.

Há ainda 3 sinais em 3 pedras ao lado do bordo sudoeste do penedo e deles separadas de 1 a 3 metros.

São especialmente de seis tipos as insculpturas do Outeiro Machado, a saber: 221 cruciformes, 129 covinhas, 110 colheres, 41 ferraduras, 18 pás e 5 alteres.

Passemos a analisar sucintamente cada um destes tipos.

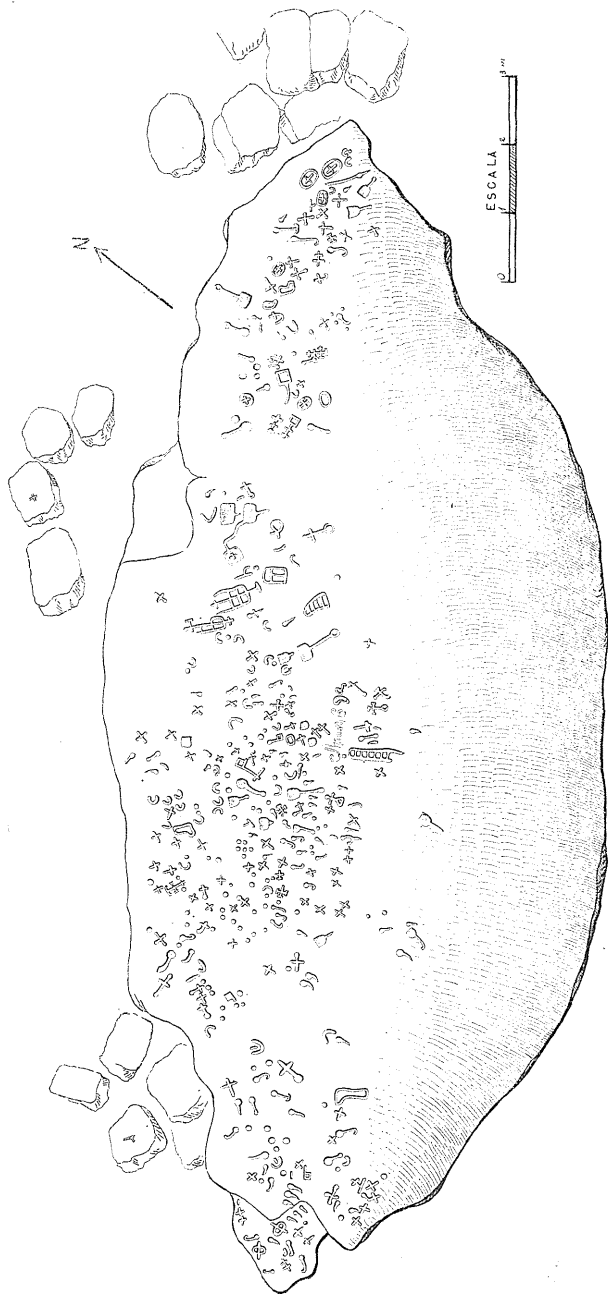


Fig. 1 — Conjunto das gravuras rupestres do Outeiro Machado.

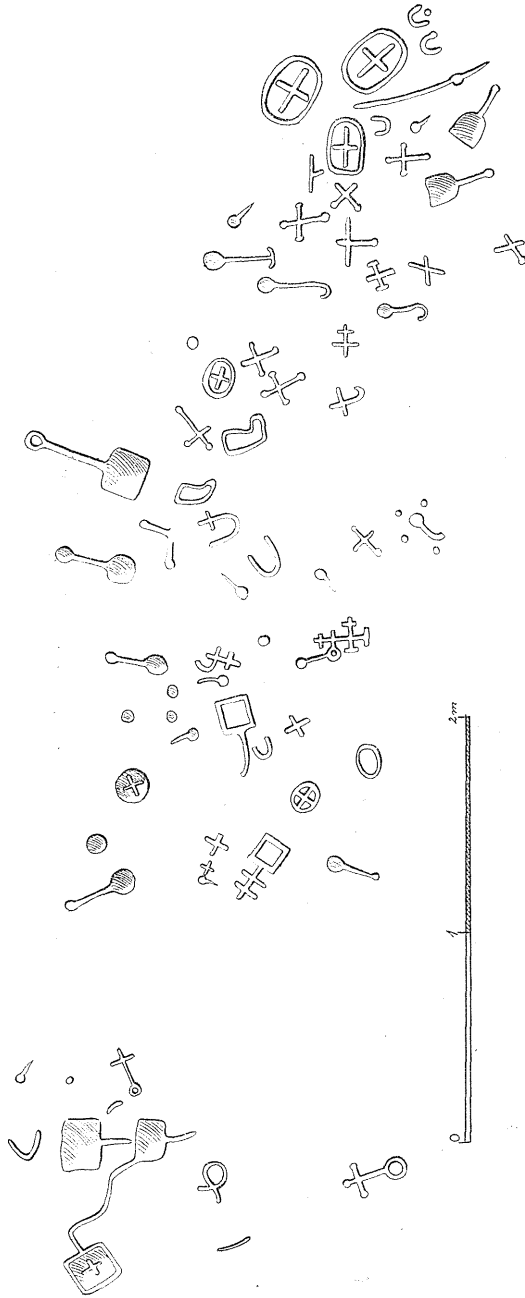


Fig. 2 — Terço do lado Norte.

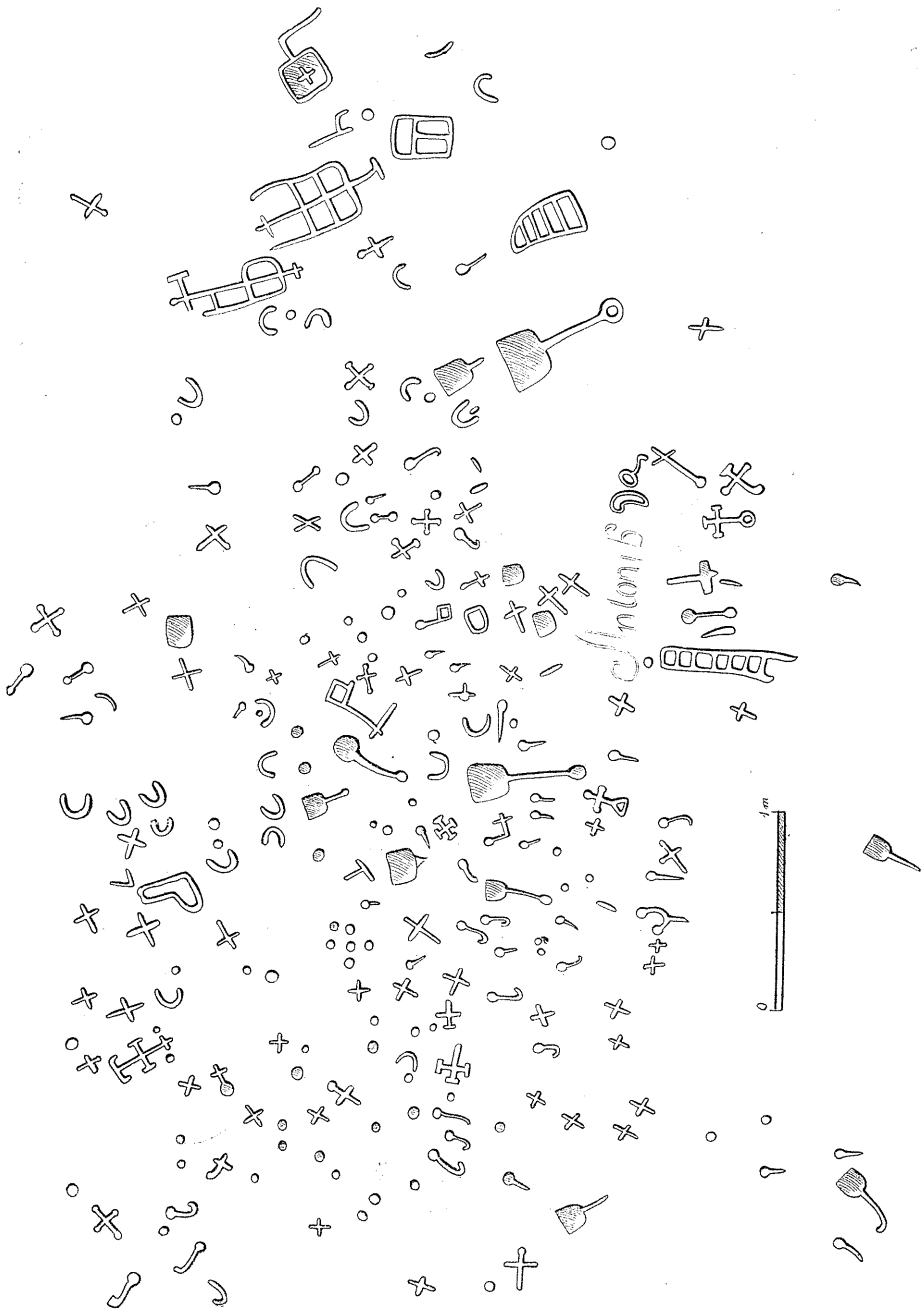


Fig. 3 — Terço médio.

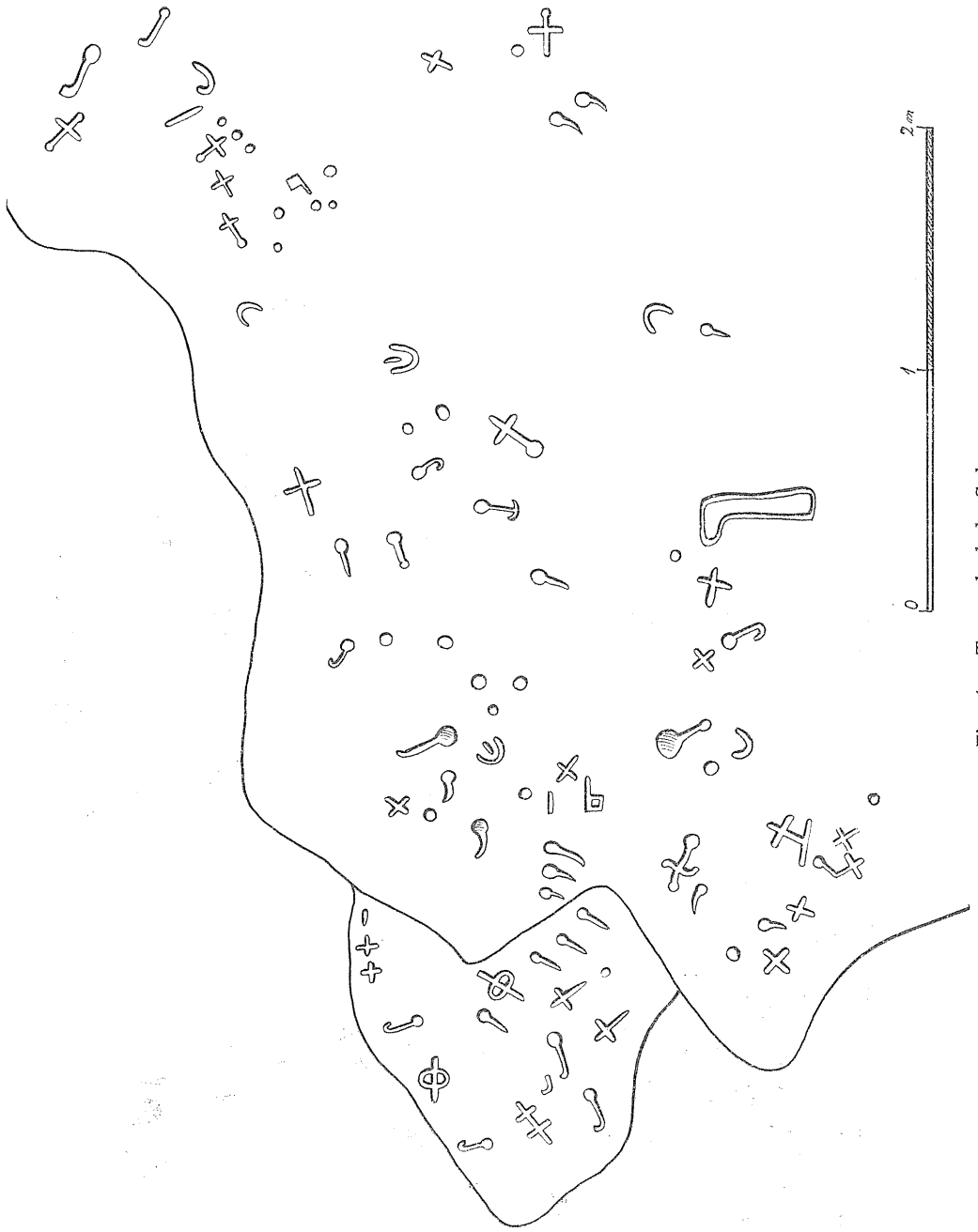


Fig. 4 — Terço do lado Sul.

Na Fig. 5 vão desenhadas as gravuras das pedras isoladas do grande penedo, em 3 das quais figuram cruciformes e um machado típico.

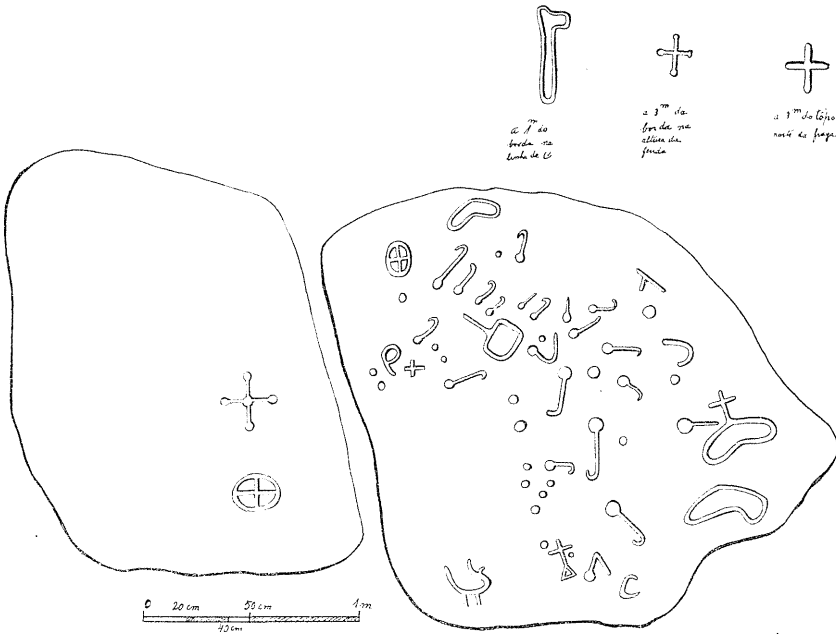


Fig. 5 — Estas duas pedras ficam a 8 metros a sudoeste do penedo grande.

Cruciformes

A grande maioria dos gravados do Outeiro Machado são cruciformes.

Em 1930, quando o Prof. Mendes Correia me encarregou de ir fazer o desenho daquelas insculpturas, contei e desenhei 221 sinais em cruz, ou em que a cruz aparece em alguns complexos como mostram os desenhos da Fig. 7.

As gravuras com a cruz isolada, independente de quaisquer outros sinais, são de nada menos de 29 tipos ou modalidades diferentes (Fig. 6).

Há mais seis tipos em que a cruz se continua em ligação directa com outros sinais formando com eles conjuntos unitários, certamente cada um deles com seu significado próprio (Fig. 7).

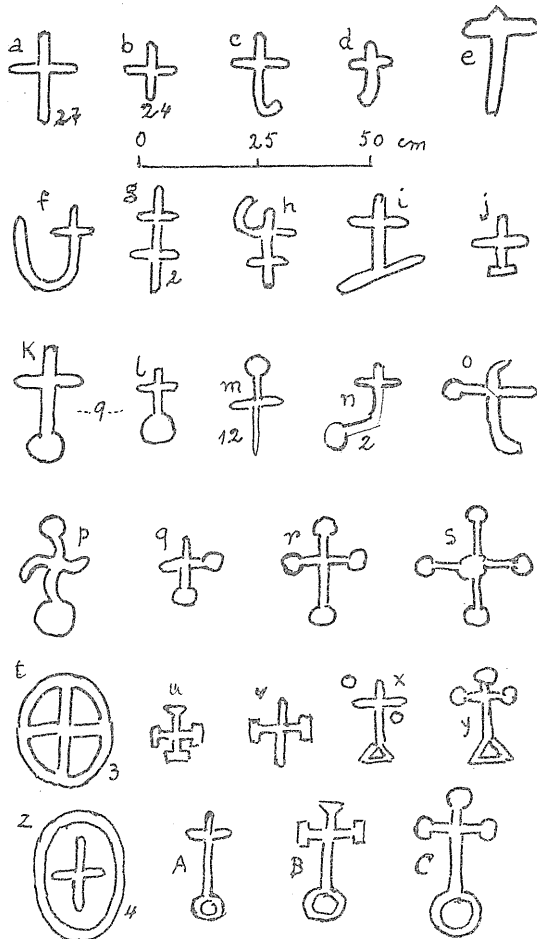


Fig. 6 — Modalidades de cruciformes.

Os tipos ou modalidades mais frequentes são as cruzes simples do tipo *a* da Fig. 6, que aparece 27 vezes, e as do tipo *b* que aparecem 24 vezes. Indicamos os tipos ou modali-

dades na mesma Fig. 6, e a seguir a cada tipo de gravura o algarismo indica o número de vezes que foi contada. As que não levam algarismo aparecem só uma vez.

Os desenhos tornam desnecessária a descrição dos trinta e tantos tipos ou modalidades em que aparecem insculpidos os cruciformes no Outeiro Machado.

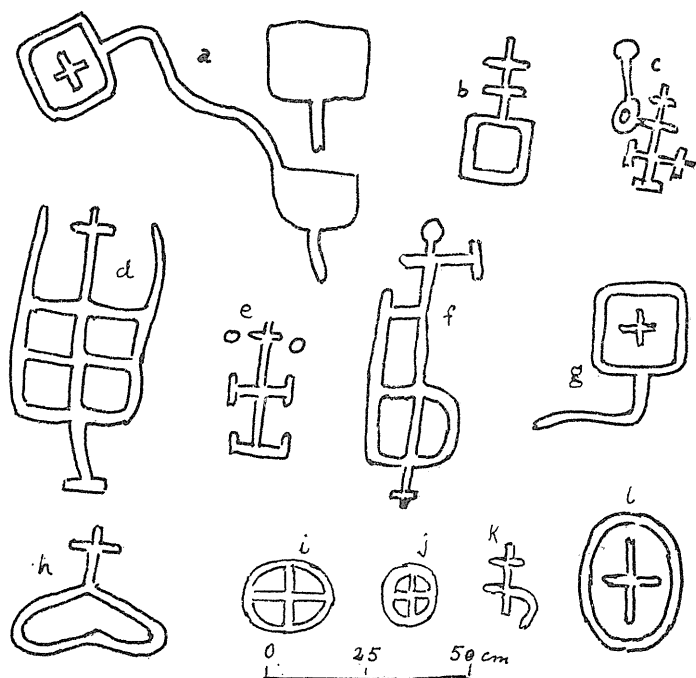


Fig. 7 — Gravados em que figura a cruz. À parte os sinais *j* e *k* de que há mais um e o *l* de que há mais 3, todos os outros são únicos.

COVINHAS

As covinhas são em número de 129, assim distribuídas.

No primeiro terço à ponta nordeste do penedo, com 6 m de comprimento por 2 de largo, há 11 covinhas.

No terço médio, com 6 m de comprimento por 4 de largura, há 65.

No terço da ponta do sudoeste há 20.

As duas pedras a 8 m a sudoeste do penedo têm 23 covinhas.

As covinhas encontraram-se irregularmente distribuídas por entre os sinais gravados, algumas vezes postas em fiadas de duas ou de três, e só num caso se vê um grupo de seis, 5 das quais dispostas segundo duas linhas em cruz.

Algumas covinhas estão estreitamente associadas a alguns sinais dos quais fazem parte integrante (Fig. 6, x, Fig. 7, e).

COLHERES

O povo da região assim designa as gravuras formadas por uma covinha circular seguida de sulco mais ou menos longo, por vezes, mesmo muito curto, sulco umas vezes rectilíneo, outras vezes encurvado, ou terminado em gancho.

A covinha será a concha da colher e o sulco o cabo da mesma.

A comparação é perfeita.

Contamos no conjunto 110 destes sinais que se distribuem por vários tipos (Fig. 8). Colheres de cabos ou apêndices rectilíneos e geralmente curtos, são em número de 37; de cabos ligeiramente encurvados na ponta são 26, dos quais 7 de curvatura para a direita e 19 de ponta encurvada para a esquerda; de ponta do cabo dobrada em gancho ou em anzol são 32, sendo 12 com o gancho para a direita e 20 de gancho para a esquerda; com a ponta do cabo terminada por travessão ligeiramente arqueado à maneira de âncora são 2. Há 10 em que a covinha correspondente à concha da colher é relativamente grande, e o cabo termina por pequena covinha de muito menor diâmetro (Fig. 8, m, n, o, p, e q).

Os três sinais da esquerda da última fila desta mesma fig. 8, podem considerar-se sinais em alter, se bem que só o primeiro é típico.

Há ainda dois sinais em colher com o cabo em ferradura ou em V, como mostram os dois desenhos da última fila da mesma Fig. 8.

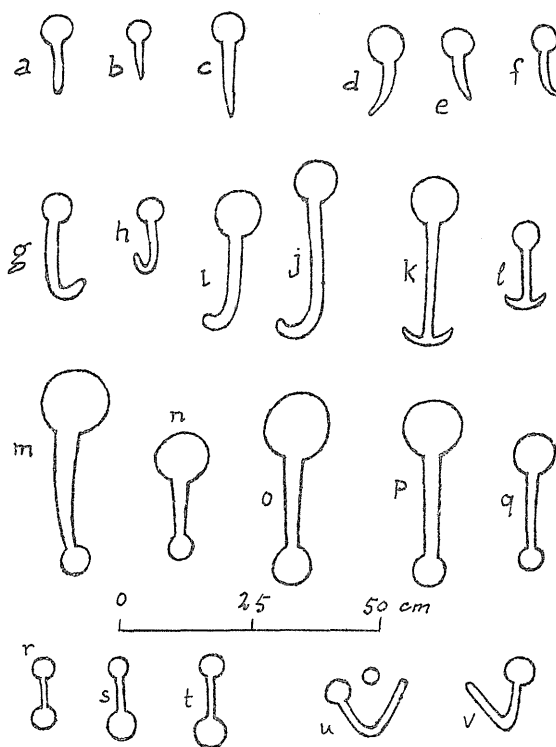


Fig. 8 — Sinais em colher nas suas várias modalidades da concha e do cabo. Na última fila três sinais em alter de que só o primeiro é típico pela igualdade das duas covinhas, as bolas.

Nas estações de gravuras rupestres do norte de Portugal visitadas ou de que há publicações, não me ocorre ter visto sinais em colher, que no Outeiro Machado são muitos e de vários tipos.

Que razões teriam levado a gravar tantos sinais em colher?

Porquê os cabos dos diferentes tipos referidos?

Parece que cada tipo, e até cada tamanho, se possa admitir que tenham significado diferente.

São mais uns problemas, e tantos são os que estão postos em torno das gravuras rupestres, para os quais até agora não se encontrou solução satisfatória, e, em muitos casos, nem sequer hipóteses plausíveis.

Uma hipótese que talvez se possa pôr quanto a estes sinais, e apenas para os de apêndice rectilíneo, seria considerá-los como representando bolas ou pedras de arremesso. O cabo, que seria empunhado pelo atirador, permitiria que ao atirar, a pedra, volteada à maneira de funda, fosse despedida com maior velocidade.

Mas, como explicar o significado dos outros tipos de cabos encurvados nas pontas, arqueados em anzol ou terminados por travessão arqueado à maneira de âncora.

É de crer que a cada um destes três últimos tipos correspondesse significado próprio.

FERRADURAS

Contaram-se 41 sinais em ferradura distribuídos pelos oito ou nove tipos da Fig. 9.

Na opinião geral dos arqueólogos, os sinais em ferradura são considerados como a estilização extrema, da figura humana; as simples como representando mulheres; as com um sulco entre os ramos como homens.

A maioria, em número de 23, são dos tipos *a* e *b* da Fig. 9; são muito abertas, de ramos curtos, quase sempre iguais e não muito arqueados; 2 têm a forma de V, com os ramos rectilíneos; 5 têm um dos ramos mais curto e ligeiramente arqueado; em 4 é o ramo direito o mais curto e só numa o esquerdo é o mais curto.

Só há uma ferradura de ramos bem arqueados (Fig. 9 *e*).

Há 6 ferraduras tendo entre os ramos um sulco mais ou menos longo e algo salientado, e 2 com uma pequena covinha entre os ramos (Fig. 9 g e h).

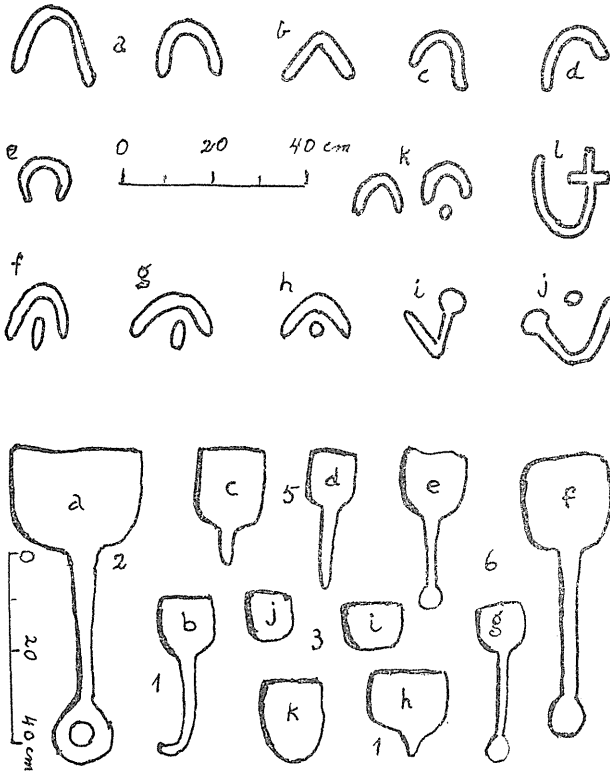


Fig. 9 — Em cima várias modalidades do sinal em ferradura. Em baixo vários tipos de pás.

Há ainda 2 sinais com um dos ramos terminados em covinha mesma Fig. 9, *i* e *j*. Um deles dobrado em V; o outro arqueado em ferradura, e com covinha entre os ramos.

Por último o sinal em ferradura com um dos ramos terminado em cruz, é sinal de carácter duplo, em ferradura e cruciforme.

Ainda na mesma Fig. o desenho *k* reproduz um grupo de dois sinais em ferradura, que podem representar um casal. No entanto o sinal da direita que pode representar o homem, tem uma covinha em vez do habitual sulco linear.

Terá a covinha a mesma significação do traço ou sulco linear, símbolo do órgão sexual masculino?

É bem possível que não. Qual? Não nos ocorre que significado possa ter aquela covinha.

As gravuras rupestres em ferradura são muito frequentes na arte rupestre portuguesa, e muito especialmente em Trás-os-Montes.

Das 15 estações que no meu trabalho *Arte rupestre*, 1942, cit. indico com nome de *Ferraduras*, 12 são trasmontanas, 2 da Beira Alta e 1 do Minho. Em Trás-os-Montes a designação geral é *Fraga das Ferraduras*, e são assim distribuídas: 1 em Macedo de Cavaleiros, 3 em Vinhais, 3 em Bragança e 5 em Carrazeda de Ansiães.

PÁS

Escavadas em quadrado ou rectângulo, com um sulco apendicular a meio de um dos lados, alguns sem apêndice, foram consideradas pelo povo da região como sertãs para fritar, «poêles à freire» ou «pelles», como o Prof. Mendes Correia referiu no seu citado trabalho.

Como as sertãs ou frigideiras são geralmente circulares e as gravuras são subquadradas ou rectangulares, e esta forma se aproxima mais de pás do que de sertãs, à falta de melhor passarei a chamar-lhe pás. São 18 no Outeiro Machado.

Como a Fig. 9 mostra há-as de dois tipos fundamentais, pá sem apêndice ou com apêndice. Este pode ser rectilíneo, e, neste caso, comprido, ou curto, ou mesmo incipiente; pode ser encurvado na ponta ou terminado em covinha ou em roda.

Há 6 de apêndice rectilíneo, 6 de apêndice terminado em covinha, 1 de apêndice incipiente, 3 sem apêndice e 2 com apêndice terminado em roda.

Não são frequentes na nossa arte rupestre.

Quanto a este tipo de sinais merece especial referência a *Pedra dos Cantinhos*, na Bouça Velha, entre a povoação das Benfeitais e Carregal de Destriz, referência dada pelo Prof. A. Amorim Girão no seu trabalho *Arte Rupestre em Portugal (Beira Alta)*, «Biblos», vol. I, n.º 3, Coimbra, 1925, 17 págs. 8 figs.

Na pág. 6 e fig. 2 publica um desenho esquemático dos sinais gravados na *Pedra dos Cantinhos*, onde se contam nada menos de 17 gravuras em forma de pás, numa pedra que mede cerca de 2,50 m de comprimento por outro tanto de largura.

Na pág. 40 o Prof. Amorim Girão atribui aos sinais dos Cantinhos «um paralelismo muito acentuado com as pinturas do Cachão da Rapa».

Em Outubro de 1930 tive a sorte de redescobrir estas pinturas (¹). Para estabelecer um tal paralelismo suponho insuficiente a singela forma rectangular dos sinais escavados em pá.

Na pág. 15 do seu trabalho, o Prof. Amorim Girão volta a falar da *Pedra dos Cantinhos* dizendo que o povo ali vê «uma presumível mulher dançando e um moinho de vento».

A seguir escreve: «É certo que, pelo menos em alguns dos conjuntos dos gravados que aí ficam aparece representada uma cena em que intervêm diversas figuras de mulher bailando em torno de uma figura de varão despido, às vezes substituído por um *phallus*, como em mais do que uma composição pintada do país vizinho se tem reconhecido».

Parece pois que o Prof. Amorim Girão quiz ver em alguns dos sinais subquadrados ou rectangulares da *Pedra dos Cantinhos* a esquematização de mulheres dançantes.

Tal parecer deve ter sido, talvez, suggestionado pela hipótese de Cabré que ao examinar uma reprodução das pinturas do Cachão da Rapa, invertida de 180 graus, quiz ver em algumas daquelas pinturas mulheres em cenas de dança.

(¹) Santos Júnior, *As pinturas pré-históricas do Cachão da Rapa*, Trab. Antrop. Etnol., Vol. VI, Porto, 1933, pág. 185-222, 11 Figs. e 9 Est.

Reproduzi as pinturas na sua posição justa. As reproduções que corriam apareciam invertidas, pelo que há que rodar de 180 graus os sinais analisados por Cabré, em que as mulheres estariam a bailar de pernas para o ar.

Sem dúvida que a dança desempenha papel importante nos povos de civilização remota e não é estranho que nas gravuras rupestres possam aparecer esquematizações coreográficas; no entanto, nem quanto à *Fraga dos Cantinhos*, nem quanto ao Cachão da Rapa, tanto uns como outros dos sinais das duas estações rupestres, em nosso parecer, não podem interpretar-se como conjuntos coreográficos ⁽¹⁾.

ALTERES

São poucos, apenas 5, os sinais que podem considerar-se como de tipo em alter (Fig. 8 *r*, *s* e *t*); se bem que só o do desenho *r* se pode considerar como um alter típico, por serem iguais as covinhas extremas.

A desigualdade das covinhas aproxima-os dos sinais em colher.

O alter típico está associado a uma ferradura. Está posto muito perto e quase no alinhamento do ramo esquerdo da mesma. No alinhamento do ramo direito um sinal em colher de cabo rectilíneo, sensivelmente do mesmo tamanho do alter. Tal pequeno grupo dos três referidos sinais é possível que tenha significado especial.

⁽¹⁾ No abrigo com pinturas rupestres do Caningui, Angola, existe um grupo de figuras humanas empunhando armas, em manifestas atitudes de dançantes. As pinturas deste abrigo estudei-as em 1970 com o Dr. Carlos M. N. Ervedosa, então meu Assistente no Departamento de Zoologia e Antropologia da Universidade de Luanda. As pinturas rupestres do Caningui, in «Ciências Biológicas», revista da F. C. da Univ. de Luanda, 1971, Vol. 1, págs. 93-142, 112 Figs. sendo 40 desenhos e XLIV Est. com 71 gravuras. Publiquei à parte o trabalho *Uma dança milenária*, in «Trabalhos de Antro. e Etnol.» rev. Soc. P. A. E., Porto, 1971, págs. 75-80, 5 Figs.

SINAIS SINGULARES

Além dos 6 tipos mencionados, cada um em maior ou menor número, que vai desde os 221 cruciformes até aos apenas 5 em

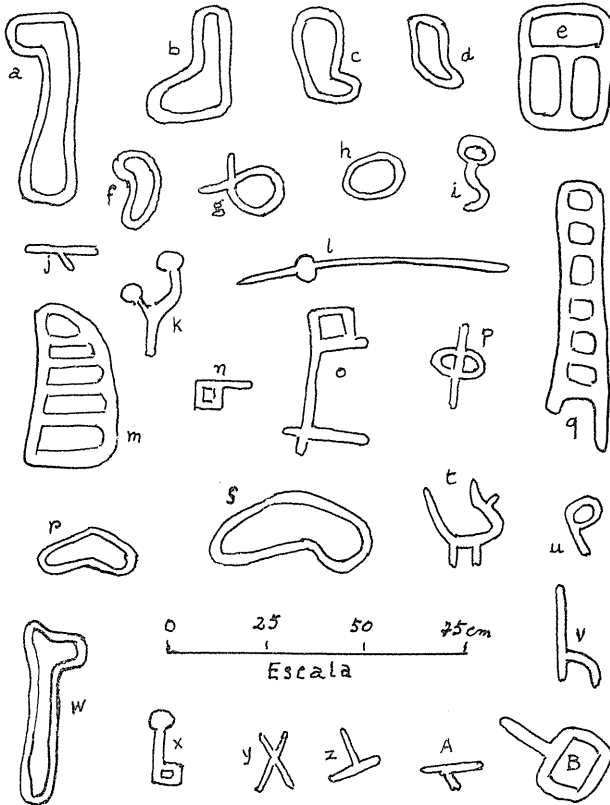


Fig. 10 — 28 sinais fora dos 6 tipos, mais representativos cruciforme, ferraduras, em colher, em pá, e alter. A parte o sinal ϕ , marcado nesta figura com a letra p, de que há no Outeiro Machado um outro igual e dele distante apenas uns 35 cm, todos os outros só aparecem uma vez.

alter, há muitos sinais que são exemplares únicos ou aparecem apenas duas vezes como por exemplo o sinal em fi.

Na Fig. 10 desenhei 27 destes sinais singulares, que dispensam descrição. Entre eles figuram 2, o a e o w que têm sido

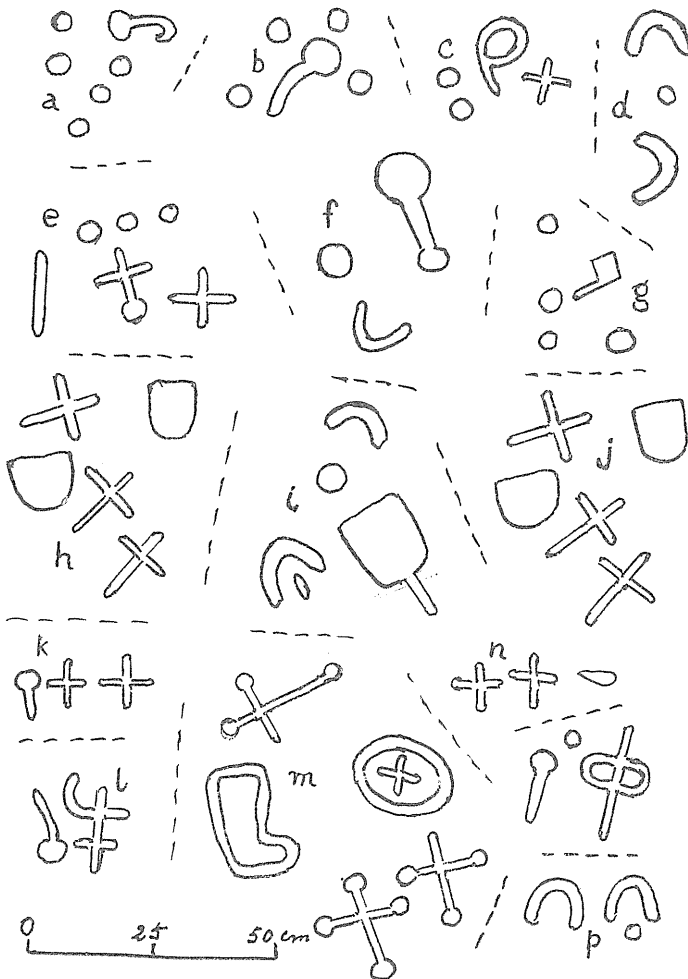


Fig. 11 — Alguns grupos de sinais, que, pela sua proximidade, se poderão considerar como conjuntos de especial significado.

considerados machados, especialmente o desenhado em w. Não sei que outra interpretação lhe possa ser dada.

ASSOCIAÇÕES

Um grande número, mesmo o maior número podem considerar-se como sinais independentes, isto é, não associados a outros sinais.

Há no entanto alguns, que, dada a sua proximidade, podem considerar-se como formando conjuntos à parte.

Além do grupo referido da ferradura associada a alter e colher, podem-se considerar mais alguns conjuntos à parte, que, naturalmente, devem ter significado próprio.

Na Fig. 11 desenhei aqueles que me pareceram mais objetivos, embora ainda outros possam isolar-se.

Os 16 conjuntos dessa figura dispensam a sua descrição.

CONCLUSÕES

Tudo leva a pensar que aquelas várias centenas de gravuras do Outeiro Machado tenham sido obra de muitas pessoas e feitas em várias tarefas ao longo de vários anos, talvez mesmo de muitos anos.

Insculpir um sinal abrindo no granito um sulco mais ou menos fundo, ora direito ora curvo, ora em elipses ou circunferências, se é certo que não demanda grande esforço, necessita porém de ferramenta adequada e leva algum tempo a abri-lo e a afeiçoá-lo.

É lógico pensar que cada sinal seria começado por picar a granito com instrumento, ou pedra, de ponta aguçada e dura, quer empunhado à mão quer martelado. Assim se obteria um sinal picotado ou litostíctico. É possível que alguns sinais ficassem neste estado, mas outros poderiam ser aperfeiçoados, alisando os sulcos com instrumento duro, quicá uma singela pedra manejada em movimento de vai-vém.

Desta forma a técnica litostíctica seria completada pela técnica litotríptica.

Os sinais de cada tipo estão gravados em muito diversas posições. Assim, se tomarmos como referência de posição base o eixo maior do penedo, e exemplificarmos com a cruz, verifica-se que as há em diversas posições, isto é, em vários graus de inclinação. Há-as a prumo, há-as mais ou menos inclinadas, quer sobre a direita quer sobre a esquerda, até deitadas, e em inversão total por rotação de 180 graus.

O mesmo se verifica quanto às diversas posições ou inclinações dos outros sinais.

Isto leva a crer que cada sinal foi gravado à parte, no espaço livre que melhor pareceu ao gravador, e o delineou no aprumo correspondente à posição por ele tomada.

O simbolismo da maioria daqueles sinais afigura-se-nos misterioso.

O grande número de gravuras e a repetição de temas leva a concluir que tudo aquilo foi feito com propositada finalidade, e não como simples diversão ou passatempo.

Como há vários tipos de símbolos, cruzes, covinhas, colheires, ferraduras, pás, alteres e outros sinais singulares, é lícito imaginar que cada uma das modalidades daqueles tipos de gravuras tivesse o seu significado próprio, e tivessem sido insculpidas com vários propósitos.

É justo, portanto, considerar o Outeiro Machado como um santuário, no qual, é de crer, aqueles muitos sinais de simbolismo misterioso, estejam fortemente imbuídos de sentido religioso, na evocação propiciatória de forças estranhas e poderes sobrenaturais, a favor, e em proveito, dos gravadores daqueles muitos sinais.

O Prof. Mendes Correia, atentando nas representações de machados, considera aquela estação rupestre como dedicada ou consagrada ao culto do machado.

Seguramente que o significado das numerosas estações de arte rupestre não deve ser o mesmo em todos os casos, embora em todos deva haver o mesmo fundo de religiosidade e de magia, ligado a velhos cultos de propiciação e outros, dos quais a alma humana ainda hoje não está de todo isenta, apesar de

muitos séculos terem rolado sobre os venerandos rochedos cobertos de siglas indecifráveis, que os líquenes revestem e os musgos por vezes escondem.

A cronologia das gravuras rupestres é difícil de estabelecer com segurança.

O Dr. Sobrino Buhigas, que estudou na Galiza muitas gravuras rupestres, e que foi especialmente consumado em tal matéria, no seu belo livro *Corpus Petroglyphorum Gallaecia*, publ. do «Seminário de Estudos Galegos», Santiago de Compostela, Galiza, a pág. 28, escreveu: «Attamen per multa petroglypha manent quibus difficilimum est tempus certum stabilire».

Não há, que se saiba, notícia de achados arqueológicos nos terrenos à roda, ou melhor, junto do Outeiro Machado, que poderiam guiar-nos na atribuição de provável datação.

Muitos argumentos têm sido aduzidos para a datação das gravuras rupestres. Num pequeno número têm sido consideradas neolíticas. Outras seriam da idade do bronze, durante a qual foram construídos os monumentos megalíticos, dólmenes ou antas, menhires, cromeleques, etc., e cujo início se tem fixado à roda de 2 500 anos a. C. Porém a maioria das gravuras rupestres são consideradas posteriores, e atribuídas aos períodos de «Halstat» e de «la Tène» da Idade do Ferro. É muito provável que as gravuras do Outeiro Machado sejam desta última idade.

Tenho pensado muito na dificuldade de datar as gravuras rupestres, e, à força de pensar no caso, ocorreu-me o seguinte:

É provável que pelo exame microscópico de lâminas delgadas da rocha interceptando o fundo dos sulcos, se possam detectar alterações nos vários minerais da rocha, e daí inferir o tempo, maior ou menor número de anos, em que o sulco foi aberto e o seu fundo ficou exposto à acção directa do tempo. A comparação de lâminas delgadas da rocha dos fundos de dois sulcos da mesma pedra, é de crer possam fornecer elementos de cronologia relativa.

Não sei até que ponto certos líquenes poderão modificar o ritmo da alteração progressiva dos minerais da rocha, e bem

assim a maior ou menor demorada acção da água das chuvas nos sulcos, o que está dependente da maior ou menor horizontalidade da superfície da pedra.

De qualquer modo afigura-se que convirá ensaiar a técnica da pesquisa cronológica, pelo estudo microscópico das lâminas delgadas da rocha.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
Junho de 1978

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR



Fig. 12 — O penedo do Outeiro Machado visto do lado nascente.



Fig. 13 — O Outeiro Machado visto do nordeste, mostrando a ponta do lado norte quebrada a dinamite.



Fig. 14 — O penedo do Outeiro Machado visto do topo do lado sul.



Fig. 15 — O topo do lado norte do Outeiro Machado que foi quebrada a dinamite.



Fig. 16 — Grandes pedaços da ponta norte do Outeiro Machado que foi despedaçada a tiros de dinamite.

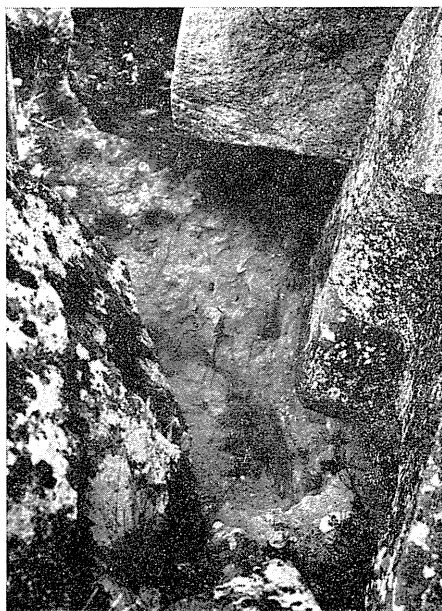


Fig. 17 — Na escassa porção de terra junto do topo norte do Outeiro Machado, vê-se o campo de acção de um pesquisador de terrenos, que a lenda diz ser a busca de um bezerro de ouro.

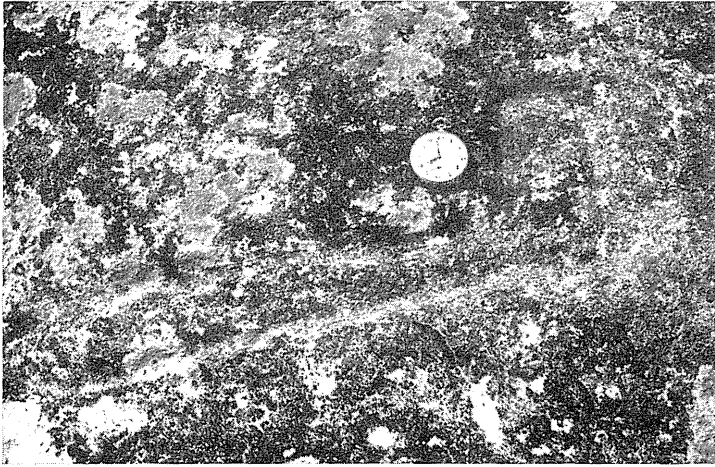


Fig. 18 — Gravura de um machado, parcialmente oculto por abundante camada de líquenes.

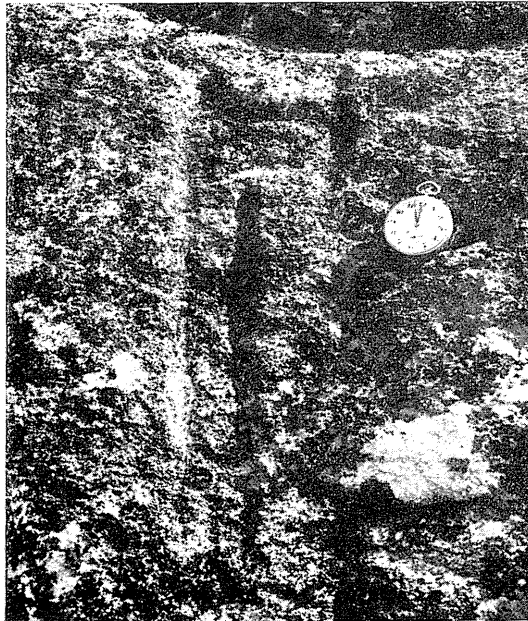


Fig. 19 — Outra gravura de um machado numa pedra isolada, a poucos metros do grande penedo.



Fig. 20 — Gravuras do penedo do Outeiro Machado. Ao lado do cruciforme a gravura que o povo considera como uma bota e que tem sido considerado como representando um machado.

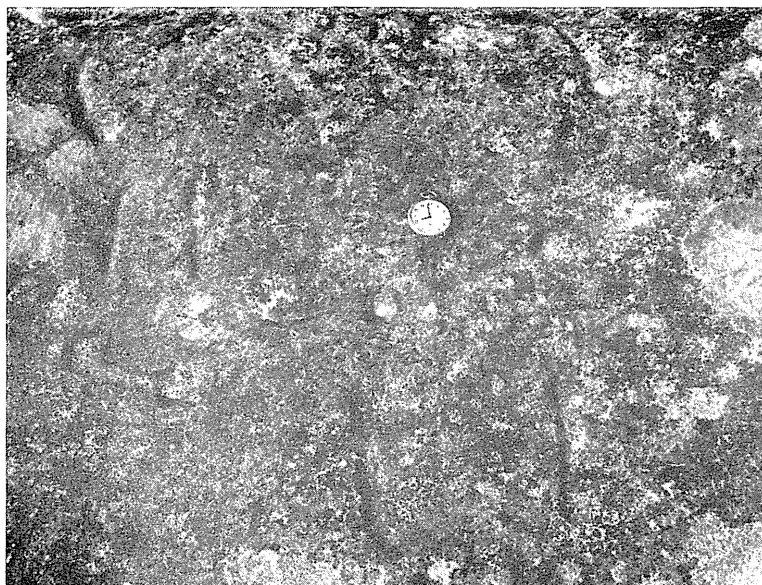


Fig. 21 — Conjunto de gravuras bastante apagadas em que sobressaem dois sinais em colher com o cabo terminado em gancho de anzol.

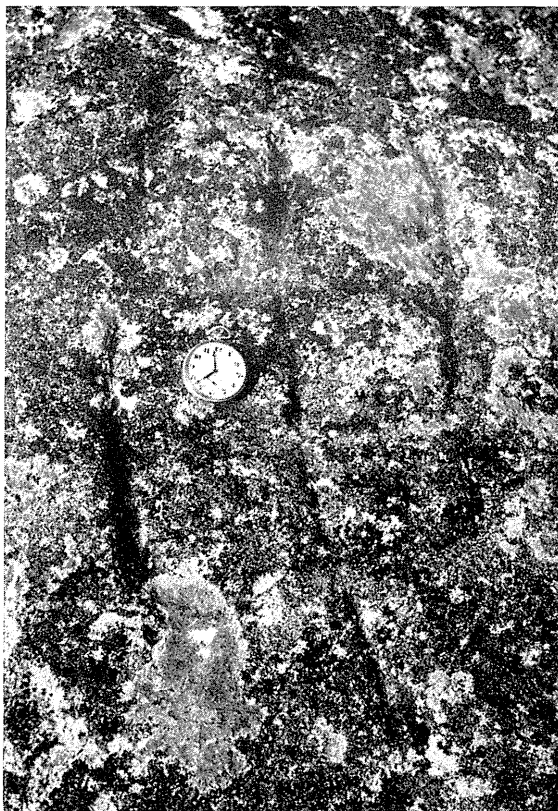


Fig. 22 — Fotografia da gravura do desenho *d*
da Fig. 7.

A quantidade de líquenes é tão grande que
alguns sulcos são por eles apagados.